DIARIO DO SUL — Evora
JORNAL DO ALGARVE — V.R. St.º António
JORNAL DE ST.º TIRSO — Santo Tirso
30. MAR. 1979

Equipamento - Instalação
Univ. Algarve
0334 a 179

201

DOSSIER UNIVERSIDADE DO ALGARVE

DEPÕE O PRESIDENTE DA CÂMARA DE SILVES

RUI SILVA DE MORAIS

por Teodomiro Neto

PROPOSITADAMENTE consultámos o relógio entre Faro e Silves. Foram gastos no percurso por via férrea 84 minutos. Uma camioneta da Rodoviária Nacional (é de louvar o serviço correcto e assíduo que a Empresa Pública pratica para quem utiliza o transporte cidade-estação-cidade) levou-nos em poucos minutos à cidade adormecida do Arade.

Cidade antiga e monumental, surge-nos, como num sortilégio, coroada pelo seu castelo árabe e pelos seus telhados vermelhos, numa policromia de grés predominante. Os verdes cinza dos cerros que cercam o mais antigo burgo algarvio dão-nos bem a voz da potencialidade de toda a região circundante e do seu predomínio agrícola.

Silves, a portuguesa, desde 1249, é o maior centro histórico do Algarve. Já anterior a 1189 e no seu esplendor árabe, a cidade dos *Cynetes* foi grande e afamado centro universitário. Da sua longa tradição nos estudos superiores na época medieval, a Universidade de Silves a par da de Salamanca foi forte na Península Ibérica. Posteriormente, nos séculos XV e XVI e já entrando na decadência, Silves conserva um eminente centro cultural de filosofia e teologia onde se destacaram os seus bispos Álvaro Pais e o contestado Jerónimo Osório.

Na época dos descobrimentos, o Infante D. Henrique iniciou, nesta cidade, a Escola Náutica que, depois, seguiria para Sagres. E como se pode ler numa placa à entrada da sacristia da Sé-Catedral: «Gomes de Azurara escreveu em Silves a sua Crónica da Guiné».

Poderemos dizer que Silves é uma cidade malfadada e, consequentemente, para a maioria dos seus habitantes e seus naturais, esse «estado de coma» em que se encontra é de desânimo e, de certo modo, de frustração.

Se a cidade perdeu a autoridade religiosa e política, a força económica foi-se arrastando e degradando pela incúria dos governantes. O foro de grande centro de trabalho que alcançou depois da República começou a desequilibrar-se a partir da última guerra mundial, onde os milhares de operários corticeiros constituíram a grande célula de vitalidade duma cidade que fora de cultura e de trabalho. No ano de 1945 começa a perder-se a força do trabalho e a cidade cai na letargia e no abandono. Aparece o desemprego com o sinistro das fábricas, incendiadas algumas e encerradas outras.

Seria ingénuo perguntar: a quem a responsabilidade? Mas hoje já é tempo de fazer a pergunta: a quem a responsabilidade dos postos de trabalho que se vão perdendo nesse sector vital que é a indústria tradicional da cortiça?

A quem a responsabilidade

(Conclui na 4.ª página)

- ★ **Faro-Olhão, zonas privilegiadas de um futuro parque industrial de envergadura.**
- ★ **Convinha que certos pólos, não se concentrassem nos grandes centros do Distrito.**
- ★ **Temos uma área disponível de terrenos com 60 ha. e em vias de disponibilidade outra de 100 ha.**
- ★ **Silves, geograficamente, é a cidade mais central do Algarve.**

★

O Castelo de Silves, relíquia clássica da cidade

★

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

03346179 •

Equipamento - Instalação
Univ. Algarve

Dossier Universidade do Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

das construções que se impedem às cooperativas (por alegada falta de terrenos) e a que ninguém se substitui.

Num destes sábados, passámos pela cidade de Julião Quintinha, parámos no mercado e no burburinho das travessas sinuosas — como a da Mesquita que retivemos — ouvimos os lamentos dos seus habitantes. Gente simpática estes *Cynetes*. Conduziram-me a mostrar a coisa bonita da sua cidade, o Bairro Progresso, o seu Complexo Escolar, as habitações de Fomento já há meses construídas mas, por capricho (?), ainda fechadas e por habitar, num dos sectores. E, de seguida, fomos à Câmara onde o presidente nos recebeu e connosco falou.

— Porquê todo esse desejo da instalação da Universidade na vossa cidade? É justificado esse propósito?

— Esta cidade é um lugar que reúne condições de trabalho intelectual. Vejamos, por exemplo, os tipos de cidades como Portimão ou Faro, buliçosas nas épocas estivais, que são simultaneamente épocas de exames, e que estão em desacordo com a tranquilidade que os estudos requerem.

— E uma justificação?

— Factores de ordem económica. Repare. Se a Universidade for para Faro. (Portimão parece não mostrar interesse para a sua cidade por tais estudos e precisamente porque opta pela nossa ideia) o que sucede? Tudo se concentrará na zona já privilegiada de Faro-Olhão, visto estar programado, para a citada zona, um parque industrial de envergadura. Portanto, para nós, um princípio errado. E, como se fala em desenvolvimento harmonioso regional, convinha que certos pólos não se concentrassem nos grandes centros do Distrito.

— Considera essa reivindicação vital para o desenvolvimento económico, cultural e científico da região; está a cidade apetrechada com as infra-estruturas para arrancar no curto espaço em que se propõe a lei, para o início dos estudos?

No ponto de vista da aquisição de terrenos, Silves pode superar e suportar essa situação privilegiada, pois temos uma área disponível de 60 ha. e em vias de disponibilidade outra de 100 ha. e outra zona mais restrita em estudo.

— Outros locais do Algarve (e outros se seguirão, possivelmente) reivindicam a instalação da Universidade no seu local. Julgam assim servir os interesses da instalação dos estudos superiores no Algarve e salvaguardar os interesses das populações estudantis com essas pretensões; o que há então?

— «A Universidade do Algarve não pode ser um anexo da Universidade de Lisboa, nem um curso extensivo da mesma. Faro deveria afastar-se dessa hipótese da Universidade para evitar, penso, em erros».

— Pode explicar?!

— «Bem, uma força de artifício de Faro é o seu aeroporto. Se é uma questão de situação, Silves está mais central no Algarve. Estamos perto de Sines, de Portimão e até perto do aeroporto de Faro, a 50 kms. apenas».

— Ao que parece a grande questão é o sítio. E os estudos? O que vamos ter?

— «Na última reunião (21-2-79) em que se tratou do assunto Universidade do Algarve, estiveram presentes os srs. presidentes das Câmaras Municipais de Albufeira, de Lagos, de Vila do Bispo; vereadores representantes das câmaras municipais de Olhão, Portimão e ainda da Comissão Instaladora da Universidade em Silves e o sr. professor Carpentier».

«Foram, pelos presentes feitas várias considerações e apresentadas várias propostas. A pedido do público presente, o sr. dr. José Júlio, pela referida Comissão, expôs as razões de ordem cultural, histórica, geográfica, económica e desenvolvimentista, que os levaram a constituir-se e a trabalhar no sentido da instalação da Universidade em Silves, que considerou o centro geográfico do Algarve e que serviria também o Baixo-Alentejo».

«Pelo presidente de Vila do Bispo, foi dito que a falta dos outros presidentes ou representantes das Câmaras convidadas se ficou a dever certamente ao facto de muitas câmaras se reunirem à quarta-feira, o que não foi atendido quando da marcação da reunião.

«Pelo sr. professor Carpentier foi apresentada uma breve exposição sobre este assunto. No final foram, pelos presentes, extraídas as seguintes conclusões:

1) É necessário definir-se que estudos deverão ser implantados no Algarve.

2) É necessário definir-se, em função das disponibilidades económicas e outras, a questão «concentração-desconcentração» da Universidade e sua localização.

3) Deve ser criada uma Comissão Técnica ao nível regional (com 1 elemento por cada Câmara), para estudar estas duas questões anteriores e informar as autarquias.

4) Que a Comissão Técnica poderá ser auxiliada, em cada concelho, por sub-comissões e que deverá transformar-se na Comissão Instaladora que prevê o artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 195/I (criação da Universidade do Algarve).»

Portanto centralização-descentralização, que estudos vamos ter, veremos num próximo encontro.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA